

ESPERANÇAR É PRECISO: AUTOAVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) EM TEMPOS DE PANDEMIA

Data de aceite: 03/04/2023

Ana Paula Lenz e Silva

Psicóloga graduada pelo CES/JF, Pedagoga pela UFJF, Especialista em Coordenação pedagógica pela UFOP, Mestre em Educação pela UERJ, e Doutoranda em Estudos Literários pela UFJF. Atualmente, exerce a função de Coordenadora Pedagógica efetiva da rede municipal de ensino na cidade de Juiz de Fora/MG

Andressa Camila Lenz Sott

Psicóloga pelo Centro Universitário Academia, Pós-graduanda em Psicologia e Comunidades pelo Instituto Parentes. Atualmente exerce a função de monitora em horta escolar agroecológica na Escola Estadual Polivalente de Benfica no município de Juiz de Fora/MG

RESUMO: O texto em foco descreve uma experiência pedagógica na Educação de Jovens e Adultos (EJA), na época da Pandemia do COVID-19, em uma escola pública da rede municipal de ensino da cidade de Juiz de Fora/ MG. Aqui um relato de uma ação avaliativa que leva em conta uma autoavaliação retrospectiva, que pretende encontrar nas memórias de resistência a esse período de pandemia,

uma chave para o enfrentamento futuro. O processo de avaliação, proposto com o intuito de mediação e emancipação de uma escola democrática, foi baseado na abordagem de **Paulo Freire** e está a serviço do Projeto Político Pedagógico da escola.

PALAVRAS-CHAVE: Educação de Jovens e Adultos (EJA); Paulo Freire; Ensino na Pandemia do Covid-19; Relato de experiência na EJA.

APRESENTAÇÃO

No final do ano de 2019, fomos surpreendidos pelo anúncio da existência de um vírus que atacava o sistema respiratório, o Covid-19. Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde declarou que estávamos em uma pandemia. Durante este período, marcado pelas incertezas e adversidades enfrentadas por todos nós, em decorrência deste novo e desconhecido vírus, tivemos que buscar alternativas para trabalhar de uma outra forma na esfera educacional. Em nosso caso, coordenando a EJA (Educação de Jovens e Adultos) da Escola Municipal Professor Augusto Gotardelo na

cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais.

O isolamento foi o principal aliado na prevenção dos efeitos deletérios da doença. Indiscutivelmente necessário, foi gerador de mudanças radicais nas práticas de educação. A conjuntura fragmentadora nos colocou diante de enormes desafios, quando se trata de fortalecer vínculos comunitários que se sustentavam nas trocas ocorridas no espaço escolar. Sendo assim, umas das saídas para manter os laços com nossos alunos e suas famílias foi, em grande parte dos casos, a realização de atividades não presenciais, remotas, com recursos tecnológicos disponíveis, usando as mídias sociais e outras soluções criativas pensadas pelo coletivo da escola.

Apesar da tecnologia se mostrar uma aliada significativa para o “novo normal” das relações, a compartimentalização e artificialização do contato se fizeram sentir incessantemente. Estas não são apenas consequências da necessidade explícita do isolamento que nos trouxe a pandemia. O isolamento para o qual também lançamos nosso olhar, é anterior à atual crise sanitária e vem se impondo, progressivamente, em nosso continente pela lógica ultraneoliberal que mercantiliza, individualiza, fragmenta e atualiza os mecanismos de dominação coloniais. Resultado de uma estrutura econômica que força sua expansão, essa lógica recrudescer em sua característica de corroer os espaços comuns, espaços capazes de incluir relacionamentos sociais gregários, saberes e fazeres comunitários de uma forma geral.

Esse recrudescimento foi sentido de forma especialmente profunda nas escolas públicas, sobretudo naquelas que se constituem como verdadeiras comunidades escolares e estão em intensa troca com o território do qual fazem parte. Estas, em muitos bairros, constituem os últimos bastiões de um fazer comunitário, de algo que já perdemos em outras esferas da vida: os bancos escolares viraram lugar de resistência e insistência em um ambiente de convívio, interação, afeto, contato.

Tendo em vista esse cenário, é preciso reforçar com mais rigor a necessidade de organizar a comunidade escolar em defesa desse espaço comum, que abarca a possibilidade da crítica e da construção de saberes que vão ao encontro desse corpo coletivo que vive no território, em mútua colaboração. É necessário que olhemos, conjuntamente, para esse período de desmontes, com o intuito de entender as estratégias empregadas por cada um dos seus membros: alunos, familiares, corpo docente e demais pessoas, criando e aprimorando táticas de defesa da nossa comunidade. Nesse sentido, o objetivo principal desta ação é avaliar o período do ensino remoto, nos anos de 2020 e 2021, na EJA da Escola Municipal Augusto Gotardelo em uma ação dialógica contando com todo o coletivo da EJA em foco¹.

¹ Esta ação ainda será discutida, no início de 2022, em reuniões, com os professores responsáveis pela EJA na escola. O propósito maior do projeto é construir estratégias que possam melhorar o desempenho dos alunos no processo de ensino aprendizagem. Além disso, tornar a equipe mais segura e unida, para que possamos, juntos, avaliar o trabalho desenvolvido e buscar soluções para aquilo que precisa se adequar ou mudar a partir do contexto de pandemia que ainda estamos vivendo, apesar do retorno das aulas.

Os objetivos específicos são: i) Mobilizar a comunidade escolar e potencializar a capacidade de auto organização na defesa da escola enquanto espaço comum, inclusivo, crítico e democrático. ii) Garantir o espaço de diálogo e reflexão aos alunos, a partir da visibilidade dos registros produzidos ao longo do período de ensino remoto em nossa escola, tendo na memória uma importante aliada para essa construção.

A relevância do projeto é buscar, a partir do diálogo com o coletivo da EJA, alternativas para construção de uma prática pedagógica comprometida com o “homem concreto, com a causa de sua humanização [e] de sua libertação” (FREIRE, 2016, p. 22).

Diante de desafios que colocam na ordem do dia a necessidade de diálogo e organização no campo da educação pública, essa iniciativa representa uma possibilidade de construção coletiva de estratégias para fortalecer nossa comunidade. Nesse percurso, não podemos “prescindir da ciência, nem da tecnologia, com as quais [vamos nos] instrumentando para melhor lutar por esta causa.” (FREIRE, 2016, p. 22).

Desta forma, entendemos que os recursos tecnológicos, que hoje nos permitem trocar experiências e saberes mesmo à distância, de nada nos servem se não houver uma profunda reflexão sobre os motivos, as vantagens e falhas destas propostas educacionais vinculadas ao ensino remoto. A avaliação dialógica, segundo Paulo Freire, leva em conta que o funcionamento da escola democrática, a partir de uma estrutura colegiada, exige novas formas de avaliação. Esta deverá ser necessariamente “dialógica”, tanto interna quanto externamente.

CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA

A Escola Municipal Professor Augusto Gotardelo é uma escola de tempo integral, da rede municipal de ensino de Juiz de Fora (Minas Gerais), situada no Bairro Caiçaras, região oeste do município.

A Educação de Jovens e Adultos da escola caracteriza-se como um lugar de acolhimento, um fio condutor à cidadania para todos aqueles que não tiveram a oportunidade de completar seus estudos e/ou encontram-se à margem do processo educativo. Funcionando no turno noturno possui, aproximadamente, 40 alunos matriculados em três turmas multisseriadas do ensino fundamental: fases I a IV, fases V a VI e fases VII a VIII.

A faixa etária dos alunos é muito variada, entre os 16 a 65 anos de idade. A maioria não trabalha formalmente, o que aponta para uma situação socioeconômica precária.

Os professores, experientes nesta modalidade de ensino, possuem formação completa em nível superior. Atendem, principalmente, as maiores dificuldades de aprendizagem encontradas entre os alunos: a leitura, a produção textual e o cálculo.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Antes de tudo, Paulo Freire se denominava um ser esperançoso, “não por pura

teimosia, mas por imperativo existencial e histórico” (2016, p.71). No livro, *Pedagogia da Esperança* (1999), Freire ressalta que a esperança é uma necessidade inerente ao ser; sem um mínimo dela não podemos sequer iniciar algo. Neste sentido, é preciso ter esperança para chegar ao inédito viável e ao sonho. Há pessoas que têm esperança do verbo “esperar” mas a “esperança” que esse grande filósofo e educador da escola da vida em ação aponta é a de “esperançar”: é verbo, e, portanto, ação.

Educação para Freire (1999) é prática de liberdade e lugar de vida. Vida coprodutora de uma existência digna, fraterna e justa onde se vivencia laços dialógicos em colaboração, onde se incluem as diferenças, os diferentes, os excluídos. Sendo assim, ao construirmos alternativas para a educação, adaptando o ensino presencial ao ensino remoto, à distância, enfrentamos dois desafios. O primeiro é entender que o isolamento vai muito além da conjuntura atual da pandemia. É, antes, resultado de um conjunto de direções políticas e econômicas neoliberais, do qual faz parte o incentivo ao individualismo-consumista. O segundo desafio é resistir alfabetizando e letrando o coletivo da E.J.A. nas transformações conjunturais a partir da escola dialógica como a comunidade humana.

Processo dinâmico e coletivo, fruto da experiência compartilhada entre os sujeitos no ato educativo, a avaliação da aprendizagem, na visão freiriana, deve promover a consciência crítica por meio do diálogo livre, permanente e democrático. Oportunidade de encontro e negociação entre os diferentes saberes.

Assim, os sujeitos envolvidos, educador e educando, se percebem em constante construção, estão inacabados. O tempo da aprendizagem é flexível. As diferenças socioculturais são acolhidas e contextualizadas no tempo, no tempo histórico. Aqui até o “erro” tem grande importância: oportunidade para construir conhecimento a partir da experiência.

Neste sentido e seguindo os ensinamentos de Paulo Freire, sonhar é preciso, é urgente; por isso, neste momento de pandemia vamos beber na fonte dos nossos sonhos para que eles não fiquem desbotados diante de tanta aridez, desapontamentos, diante de tantos comportamentos redutores que excluem o diferente, sucateiam o espaço público, asfixiam os saberes e fazeres comunitários. Comportamentos políticos de desencanto. O ensino remoto, usado pela educação em tempos de covid, deve levar a alma onde ela se encante, se inspire. Será possível?

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Finda a vigência da pandemia, propomos uma avaliação qualitativa, dialógica e retrospectiva desse momento de ensino remoto junto à comunidade escolar. Essa avaliação foi realizada de forma presencial e contou com as seguintes atividades: 1. Um grupo do alunos da EJA apresentou a história do povo Aruá “A velha dos Piolhos”² como mística e

² Conto do povo Aruá, “A Velha dos Piolhos” foi escrito e divulgado pelo doutor em antropologia (Museu nacional/UFRJ), Wesley Aragão de Moraes. O conto está disponível em <http://www.antroposofy.com.br/wordpress/conto-a-ve>

reflexão inicial do encontro. 2. Cada aluno apresentou sua autoavaliação, seus registros e memórias da Pandemia. Materiais essenciais na construção do processo (auto)avaliativo. 3. Construímos uma exposição (momento da culminância da ação) com os registros e materiais candentes resultantes das discussões do grupo sobre o período de ensino remoto, como poesias, desenhos, fotos, diários e quaisquer outros arquivos relevantes para registro da memória da comunidade escolar sobre esse momento.

AValiação dos Resultados

Apresentamos aqui um relato de uma ação avaliativa que leva em conta a autoavaliação. Ressaltamos que nesse tempo, continuamos cuidando de nossa comunidade a partir das ferramentas que estavam e estão disponíveis, registrando nossas memórias, resistindo à separação e ruptura que nos impõe esse período pandêmico e pós-pandêmico. Ao propor uma avaliação retrospectiva, pretendemos encontrar nas memórias de resistência a esse período uma chave para o enfrentamento futuro.

Importante ressaltar que o **processo de avaliação**, aqui proposto, como mediação e emancipação, está a serviço do 'Projeto Político Pedagógico' da escola em foco. Neste contexto, além de estar comprometido com uma escola democrática, acreditamos que,

[...]a educação não é a chave das transformações do mundo, mas sabemos também que as mudanças do mundo são um que fazer educativo em si mesmas. Sabemos que a educação não pode tudo, mas pode alguma coisa. Sua força reside exatamente na sua fraqueza. Cabe a nós pôr sua força a serviço de nossos sonhos (FREIRE, 1991, p. 126).

Assim, a depender da construção coletiva e dialógica, das escolhas das nossas estratégias, conseguimos encontrar nessas memórias estratégias registros de resiliência e de lutas a partir das muitas vozes que compõem nosso corpo-comunidade e, desta forma, podemos “esperançar”. “Esperançamos” sempre!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, importa ressaltar que esta ação está em andamento e também que foi muito complexo esse tempo de pandemia do Covid-19, tempo de perdas e de afastamento. Porém, este tempo foi importante, porque serviu para valorizarmos mais aquilo que temos, principalmente os espaços comuns. Tempo de aprendizagem digital, de novas propostas na e para Educação de Jovens e Adultos, de novos desafios e incertezas que todos, em especial a escola, experimentaram e que continuarão ressoando.

REFERÊNCIAS

CUPOLILLO, A. V. Avaliação da aprendizagem escolar e o pensamento de Paulo Freire: algumas aproximações. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 2, n. 1, 2007.

FREIRE, Elza. Como se tivesse tido a coragem de dizer: não existe daqui para cá. In: SOUZA, Maria Inez (Org). **Paulo Freire: vida e obra**. São Paulo: Expressão Popular, 2001, p. 343 – 354.

FREIRE, Paulo. **A Educação na Cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

FREIRE **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

FREIRE. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FREIRE. **Pedagogia do Oprimido**. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo e HORTON, Myles. **O Caminho se faz caminhando: conversas sobre educação e mudança social**. 5. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2002.

HOFFMANN, Jussara. **O jogo do contrário em avaliação**. Porto Alegre: Mediação, 2005.